



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ**  
**CAMPUS PIO-IX - PI**  
**CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA**

**ADALGIZA GUILHERME DA SILVA**

**INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO ESPAÇO EDUCACIONAL:**  
**DESAFIOS E PRÁTICAS POSSÍVEIS**

**CAMPOS SALES**

**2023**

ADALGIZA GUILHERME DA SILVA

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO ESPAÇO EDUCACIONAL: DESAFIOS  
E PRÁTICAS POSSÍVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)  
apresentado como exigência parcial para obtenção  
do diploma do Curso de Especialização em  
Educação Especial a Inclusiva do Instituto Federal  
de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí,  
Campus Pio-IX – PI.

Orientador: Pr Prof. Dr. Manuel Gonçalves da Silva  
Neto

CAMPOS SALES

2023

ADALGIZA GUILHERME DA SILVA

INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO ESPAÇO EDUCACIONAL: DESAFIOS  
E PRÁTICAS POSSÍVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)  
apresentado como exigência parcial para obtenção  
do diploma do Curso de Especialização em  
Educação Especial a Inclusiva do Instituto Federal  
de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí,  
Campus Pio-IX – PI.

Orientador: Pr Prof. Dr. Manuel Gonçalves da Silva  
Neto

Aprovado em: 08 de dezembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Manuel Gonçalves da Silva Neto - IFPI  
Orientador e Presidente da Banca

---

Prof. Ronaldo da Silva Borges  
Membro avaliador

---

Prof. Ms. Adalaete Souza de Freitas  
Membro avaliador

---

Prof. Esp. Luana Maria do Nascimento Sousa Cruz  
Membro avaliador

# INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO ESPAÇO EDUCACIONAL: DESAFIOS E PRÁTICAS POSSÍVEIS

Adalgiza Guilherme da Silva<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Manuel Gonçalves da Silva Neto<sup>2</sup>

## RESUMO

Receber uma criança com necessidades especiais na escola não está relacionado apenas à integração desta com as outras crianças. Todo o espaço da escola deve ser planejado, bem como o direcionamento das atividades, a fim de que haja evolução quanto ao processo de ensino e desenvolvimento de habilidades e valores, mediante suas capacidades e limitações. A literatura apresenta uma variedade de abordagens e práticas inclusivas, neste contexto, este trabalho objetivou uma análise sobre o processo inclusivo no espaço educacional com ênfase nas estratégias que viabilizam a consolidação das habilidades para o desenvolvimento da criança autista. A metodologia se dá mediante pesquisa bibliográfica, buscando enfocar o fato que somente adaptar a escola para dar acesso aos alunos especiais não concretiza a inclusão; é necessário que a escola disponha de profissionais capacitados para desenvolverem um trabalho significativo, que possibilite de fato o crescimento de tais educandos. Pode-se concluir que o trabalho pautado na educação inclusiva ainda tem muitas barreiras que precisam ser ultrapassadas, tais como a formação docente e melhor adaptação do espaço escolar, constituindo um desafio teórico e prático para que a educação possa acontecer de fato na perspectiva inclusiva.

**Palavras – chave:** inclusão, autismo, processo educacional.

## ABSTRACT

Receiving a child with special needs at school is not just related to their integration with other children. The entire school space must be planned, as well as the direction of activities, so that there is evolution in the teaching process and development of skills and values, based on their capabilities and limitations. The literature presents a variety of inclusive approaches and practices, in this context, this work aimed to analyze the inclusive process in the educational space with an emphasis on strategies that enable the consolidation of skills for the development of autistic children. The methodology is based on bibliographical research, seeking to focus on the fact that merely adapting the school to provide access to special students does not achieve inclusion; It is necessary for the school to have trained professionals to carry out meaningful work, which actually enables the growth of such students. It can be concluded that work based on inclusive education still has many barriers that need to be overcome, such as teacher training and better adaptation of the school space, constituting a theoretical and practical challenge so that education can actually happen from an inclusive perspective.

**Keywords:** inclusion, autism, educational process.

Data de aprovação: 08 de dezembro de 2023

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso Especialização em Educação Especial a Inclusiva.

<sup>2</sup> Professor orientador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Pio-IX – PI.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a educação especial e inclusão escolar tem sido tema de pesquisas, tanto dentro do contexto escolar quanto social. Sendo a educação especial uma modalidade da Educação brasileira destinada para o direcionamento de estratégias específicas para o atendimento as necessidades educacionais especiais, Arantes (2006) considera a importância de abordar cada vez mais a temática voltada para a educação inclusiva, não apenas de forma teórica, mas colocando em prática, tendo como ponto de desenvolvimento das habilidades de trabalho e a superação dos desafios para que a inclusão possa acontecer.

Enquanto demanda necessária para o desenvolvimento desses alunos desenvolveu-se o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que visa oferecer formas diferenciadas de aprendizagem com materiais distintos e adaptados para atender as especificidades de cada deficiência (FIGUEIREDO, 2002).

Diante do exposto, o estudo da referida temática se dá mediante o interesse em compreender os desafios que envolvem a educação inclusiva e o atendimento educacional especializado, tendo como foco os desafios e possibilidades que norteiam o processo educacional e inclusivo da criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA, ou simplesmente autismo.

Na teoria muito se tem falado em educação inclusiva, mas na prática percebemos outra realidade. Escolas com suporte adequado para receber crianças com necessidades especiais, mas sem nenhuma preparação pedagógica para lidar com tal situação. Assim, o que se percebe muitas vezes, é que se trata de uma inclusão que exclui, pois, as crianças especiais acabam apenas ocupando espaço nas escolas regulares, sem que haja um trabalho direcionado para as suas necessidades (BELLAYER, 2019).

A pesquisa foi norteada a partir do seguinte questionamento: de que forma a escola pode desenvolver estratégias com ênfase na inclusão de crianças com autismo para o desenvolvimento das habilidades necessárias ao seu desenvolvimento?

Visando responder ao questionamento proposto, tem-se como objetivo geral: analisar o processo inclusivo no espaço educacional com ênfase nas estratégias que viabilizam a consolidação das habilidades para o desenvolvimento da criança autista. Os objetivos específicos são: Conceituar o Transtorno do Espectro Autista mediante suas particularidades e possibilidades no processo educacional inclusivo, compreender o marco legal que norteiam o processo de inclusão educacional dos alunos com necessidades educacionais especiais, Analisar as dificuldades e as perspectivas quanto ao trabalho desenvolvido com a criança autista.

A metodologia se dá mediante pesquisa bibliográfica, buscando enfocar o fato que somente adaptar a escola para dar acesso aos alunos especiais não concretiza a inclusão; é necessário que a escola disponha de profissionais capacitados para desenvolverem um trabalho significativo, que possibilite de fato o crescimento de tais educandos.

Receber uma criança com necessidades especiais na escola não está relacionado apenas à integração desta com as outras crianças. Todo o espaço da escola deve ser planejado, bem como o direcionamento das atividades, a fim de que haja evolução quanto ao processo de ensino e desenvolvimento de habilidades e valores, mediante suas capacidades e limitações (SILVA, 2018).

Nessa percepção, a pesquisa assume relevância acadêmica e social, uma vez que a temática da inclusão demanda cada vez mais urgência no aspecto educacional, justificando-se pela necessidade acerca da compreensão de como a educação especial está sendo realmente implantada nas escolas com ênfase para os desafios e perspectivas do trabalho com o autismo.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 BREVE MARCO LEGAL DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - AEE

É essencial compreendermos que a educação inclusiva não pode acontecer apenas mediante decretos e diretrizes, esta deve ser de maneira ativa, acontecendo na escola por meio da ação de todos que fazem parte do contexto escolar. O número de alunos com necessidades especiais que têm sido incluídos no sistema regular de ensino tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, entretanto, o preconceito e o não conhecimento das leis que garantem o acesso e a permanência destas crianças na escola ainda deixam um número considerável sem acesso a educação e a vivência social decorrentes do processo de escolarização.

A Educação no Brasil, citada na Constituição Federal de 1988, já assinala para o processo de inclusão prevê no artigo 208 que “o dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Outras leis surgiram no decorrer dos anos, priorizando a garantia do direito das pessoas com deficiência à inclusão escolar na rede regular de ensino, a exemplo da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN Nº 9.394-96, que destaca no Artigo 59:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 2013).

Amparados por esse marco legal, o Atendimento Educacional Especializado é um ramo da Educação Especial que visa possibilitar diferentes oportunidades de aprendizagem para os alunos com algum tipo de deficiência; e que por este fator apresentam níveis de aprendizagem inferior ao esperado para a sua faixa etária.

Conforme o Decreto 6.571/2008: O atendimento educacional especializado - AEE é o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular (BRASIL, 2008).

Segundo o texto legal da educação brasileira, os alunos com deficiência intelectual, deficiência auditiva, deficiência física, deficiência visual, altas habilidades/ superdotados e transtornos globais do desenvolvimento devem frequentar as salas comuns de ensino com os demais alunos e receber o Atendimento Educacional Especializado (AEE), em contra turno (FIGUEIREDO, 2002).

Nesse aspecto, conforme o aparato legal, os alunos com necessidades especiais não têm que estar inseridos único e exclusivamente em uma sala especializada, não necessariamente. O que deve acontecer é uma complementação, em um turno estas crianças devem ser inseridas no sistema regular de ensino, o que lhe possibilitará de fato a inclusão, a interação com as demais pessoas a sua volta e com as distintas possibilidades de aprendizagem e socialização. No contra turno, precisa ser acompanhada por profissionais especializados, que tenham suporte para atender as especificidades de cada problema.

Assim, na relação conjunta entre o sistema regular de ensino e o atendimento educacional especializado, a criança com necessidades especiais terá maiores oportunidades de desenvolvimento, seja em âmbito cognitivo, educacional, social, psicomotor, dentre outros que envolvem a sua vivência com as demais pessoas a sua volta.

O que diferencia este atendimento de ensino do modelo realizado na sala de aula comum é a sala multifuncional, que compreende um espaço físico composto por materiais distintos e adaptados para atender as especificidades de cada deficiência. É importante enfatizar que o Atendimento Educacional Especializado é complementar à escolarização e nunca substitutivo. Esse atendimento complementa e/ ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p.10).

Assim, são aspectos da educação que se complementam e não que atuam de forma individualizada. A diferença está na questão que envolve os materiais pedagógicos e as devidas adaptações na sala multifuncional a fim de atender de maneira direcionada as necessidades de cada educando.

Desse modo, por meio do processo que envolve o Atendimento Educacional Especializado os alunos têm maiores oportunidades de inserção social, bem como desenvolvimento de suas capacidades, o que significa maior avanço em relação às suas limitações.

Como esta é uma política nacional, criada pelo Ministério da Educação (MEC), este se encarrega de mandar para as escolas brasileiras, em qualquer parte do território nacional, os materiais e equipamentos necessários para a montagem da sala multifuncional. O MEC também disponibiliza formação para os professores que deverão atuar nestas salas.

Mediante os aspectos legais citados, tendo como base a LDB, compreende-se que a Educação Inclusiva é um direito garantido por lei para os alunos com necessidades especiais, seja em salas que atendem ao sistema regular de ensino, ou em instituições educacionais especializadas.

Cada criança, mediante sua deficiência, deve ser acompanhada por profissionais capacitados, que tenham toda uma preparação para lidar com as diversas situações em sala de aula, criando um ambiente acolhedor, interativo, onde os educandos possam aprender a conviver com as diferenças, respeitando e valorizando uns aos outros.

## 2.2 DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E PERSPECTIVAS

É importante destacar que as práticas inclusivas e formas alternativas de ensino fazem bem à sociedade como um todo, ajudando a diminuir preconceitos, uma vez que se formam cidadãos mais preocupados com os outros, tolerantes e empáticos. Entretanto, é um grande desafio para os professores desenvolver e se adequar ao processo de inclusão de alunos com deficiência, uma vez que é de responsabilidade destes profissionais criarem estratégias de ensino, atuando com uma nova perspectiva no ambiente escolar, sendo o elemento facilitador do processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, é importante que a escola assuma uma nova postura, modificando os paradigmas e analisando os problemas de maneira a buscar uma interação entre o ensino regular

com as pessoas com deficiência a fim de oferecer conhecimento para todos os alunos e proporcionar a inclusão escolar dentro do processo de ensino e aprendizagem, promovendo a interação social entre todos os alunos presentes no ambiente escolar (BELLAYER, 2019).

De acordo com Silva (2018, p. 10) “essencialmente, o profissional da educação necessita saber conceitos básicos, como: educação, sociedade, aprendizagem, conhecimento para o êxito da sua atuação”. Logo, segundo Silva (2018) no cenário escolar o professor precisa ir além, ultrapassando uma metodologia tecnicista e fragmentada, para atuar em situações novas e problemáticas, que orientam as decisões e a capacidade de autonomia, por meio de uma conduta flexível permeada por um ponto de vista sistemática e estratégico (SILVA, 2018).

A formação de pedagogia e licenciatura deveria formar profissionais aptos para atuarem em diferentes contextos educacionais, formais ou informais, capacitados principalmente de sugerir e analisar de modo crítico políticas e estratégias educacionais, em diferentes contextos e instâncias. Deste modo, entende-se que a formação do professor deve se ampliar em vários âmbitos, como a capacitação e formação continuada para aperfeiçoar seus conhecimentos e aplicá-los junto aos alunos com deficiências diversas.

Um importante obstáculo a ser vencido na formação de educadores é desconstruir a ideia de um único método de ensino. Deste modo, é possível afirmar que nada está pronto, e que a formação do profissional é o momento em que este indivíduo irá redefinir seus conceitos e desenvolver sua compreensão da prática. Nessa perspectiva, compreende-se que:

Nossas escolas precisam ser mudadas, mas fazer essas mudanças não é tarefa fácil, faz-se necessário a redefinição de alternativas pedagógicas que levem todos os alunos a terem as mesmas oportunidades de aprendizagem, além claro de colocar a questão da aprendizagem como mola mestra da escola, afinal, a escola é o local onde os alunos aprendem (LUCERO, 2020, p. 9).

Para que essa redefinição aconteça, é preciso se atentar as mudanças que são exigidas em relação educador, estar aberto a novos caminhos e ensinamentos que se produz nessa área e que é essencial para o aperfeiçoamento da docência e para seu sucesso como profissional, é necessário estar pronto para inovar e desenvolver instrumentos de ensino-aprendizagem. Sendo assim, o professor deve se colocar na posição de eterno aprendiz a procura de uma formação profissional continuada.

Grande parte dos professores em diferentes níveis escolares encontram dificuldades para lidar com os alunos com algum tipo de deficiência ou alguma condição que o caracterize como diferente dos demais, destacando como as principais: dificuldades na compreensão do sentimento de solidão do aluno, dificuldades em compreender a rotina específica dos alunos que possuem alguma deficiência, manejo na agressividade expressada pelo aluno, sentimento de insegurança por parte do educador, dúvidas referentes à prática pedagógica adotada e a falta de estrutura adequada para lidar com esses alunos (FREITAS, 2017).

A capacitação do professor é de suma importância para promover a inclusão escolar do aluno com deficiência, pois este profissional que transmitirá, por meio de técnicas adequadas e variadas o aprendizado ao aluno e assim potencializar seu o seu processo de ensino-aprendizagem, que deve ser focado nas necessidades características de cada aluno. Ao educador também é dada a tarefa de mediar os valores sociais e culturais do alunado (CARVALHO, 2013).

É preciso que os educadores pensem em intervenções que contemplem novos olhares, novas formas de escuta e novos planejamentos de ferramentas de ensino-aprendizagem para esses alunos, sempre lembrando do enorme vínculo entre o professor e o aluno, que permite dinamizar o aprendizado e a formação de laços sociais saudáveis.

Salienta-se que todos têm a capacidade de aprender, porém, alguns precisarão de ferramentas adequadas às suas necessidades específicas. Nas palavras de Camargo (2010, p.

260): “a busca por uma didática inclusiva não é simples, deve respeitar e superar os modelos pedagógicos gerais, enfatizando o impacto das variáveis específicas na implantação de uma educação para todos”.

No que tange ao papel do professor, este não se resume apenas em incluir e inserir o aluno com deficiência no contexto escolar, mas sim encontrar maneiras de melhorar o aprendizado dele. Dessa forma, as escolas devem estar preparadas para identificar as dificuldades dos alunos com deficiência precocemente para assim, aperfeiçoar os métodos de ensino e melhorar o entendimento do estudante (CARVALHO, 2013).

Para que o trabalho pedagógico com o aluno que possui algum tipo de deficiência seja mais consistente, é necessário um trabalho colaborativo em conjunto com todos os profissionais da escola. Deste modo, é necessário o olhar atento do professor, a fim de facilitar a interação e inserção desses alunos no ambiente escolar. Vale ressaltar que é de extrema importância a participação dos alunos nas atividades junto à turma, pois estimula a interação, comunicação, contribuindo assim, no processo de ensino-aprendizagem (FREITAS, 2017).

É fundamental que professores de todas as disciplinas se preocupem em encontrar formas diferentes de proporcionar aprendizado, de modo a desenvolver capacidades que todos têm. Portanto, a criação de recursos didáticos é essencial para o sucesso da educação inclusiva. Cerqueira e Ferreira (1996) comentam que estes recursos podem ser criados e desenvolvidos para potencializar o ensino e aprendizagem do aluno com deficiência.

## 2.3 ASPECTOS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA AS CRIANÇAS COM AUTISMO

Falar em educação inclusiva nos remete a entendermos o problema de maneira ampla e não apenas restrita à determinada necessidade educacional. Os desafios que envolvem o referido tema ainda são muitos e cada vez mais agravantes, estando estes relacionados ao espaço físico das escolas, as condições de acesso e adaptações que muitas vezes inexistem, bem como a forma de pensar das pessoas, que acabam deixando transparecer seus preconceitos.

Tais desafios são apenas alguns exemplos que envolvem a questão da inclusão dos alunos com necessidades especiais, mas os fatores agravantes estão além do que os olhos parecem enxergar. Suas consequências afetam todo o desenvolvimento do sujeito, educacional e social.

Considerando a inserção da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou simplesmente autismo, é preciso que seja desenvolvido um trabalho em conjunto entre escola, família e psicopedagogo para que a realidade seja compreendida mediante suas especificidades e assim desenvolvido um trabalho direcionado com ênfase no desenvolvimento.

Nessa perspectiva, tem-se que:

Para uma criança “sem deficiência” a entrada na escola gera inúmeras expectativas. No entanto, para uma criança que possui TEA, essa tarefa torna-se bem mais difícil, pois envolve interação, comunicação e comportamentos específicos, para um contexto absolutamente novo. Mas, como o TEA tem suas variações, existe uma diversidade de condutas que podem ser reveladas. Portanto, o professor não pode generalizar (OLIVEIRA, 2016, p. 22).

Mesmo com todo o aparato legal, sabemos que muitas vezes tal inclusão só permanece no papel, enquanto que na realidade ainda nos deparamos com situações de descaso, discriminação ou ainda de rejeição das crianças com necessidades especiais na rede regular de ensino. Muitas pessoas ainda têm um pensamento retrógrado e enxergam tais crianças como “anormais”.

Essa visão em torno das crianças com necessidades especiais, inclusive no âmbito do autismo, só dificulta o trabalho em torno de suas especificidades. Quando a criança não é aceita, ou melhor dizendo, não é incluída no espaço escolar, seu desenvolvimento fica comprometido, tanto em aspectos educacionais, quanto sociais.

Portanto, são diversas as situações dos alunos com TEA dentro das escolas regulares de ensino, o que remete aos profissionais de ensino e órgãos competentes um olhar mais direcionado com foco em cada dificuldade, em cada caso específico, a fim de que todas as crianças tenham seus direitos garantidos, não apenas do acesso à escola, mas da sua permanência com as demais crianças. “Em poucas palavras, a inclusão não pode mais ser ignorada. Ela está tão presente que motiva pressões descabidas, que pretendem nos desestabilizar a qualquer custo” (ARANTES, *et al* 2006, p.29).

A inclusão tem se tornado muitas vezes um termo da atualidade, que muito se utiliza na teoria, mas que pouco tem surtido efeito na prática. Incluir diz respeito a forma de pensar, aos valores, e principalmente ao respeito. “Os professores poderão sempre que possível, em meio às atividades de classe, introduzir figuras para facilitar o entendimento da criança com TEA, e para estreitar os laços entre professor e aluno” (OLIVEIRA, 2016, p. 22).

O essencial é que os educadores enquanto agentes transformadores do meio sejam capazes de compreender a inclusão do aluno autista como algo necessário para o processo de formação humana, direcionando seu trabalho com foco no ser humano enquanto sujeito ativo de uma sociedade.

Nesse contexto, metodologias diferenciadas precisam ser repensadas a fim de que todos os alunos se sintam parte integrante do processo, convivam com os demais colegas de maneira ativa, derrubando as barreiras do preconceito. Desse modo,

Uma forma de integrar a criança com TEA na sala é convidá-la a ajudar em pequenas tarefas (como entregar folhas de papel para as demais crianças), uma vez que, essa pequena tarefa poderá trazer grande interação com os demais. Do mesmo modo, as crianças da turma precisarão ser sempre reforçadas a respeitar e ajudar a criança com TEA, para que a mesma possa se sentir acolhida no ambiente escolar (SILVA, 2018, p. 81).

É preciso que as escolas trabalhem com foco na inclusão junto a todos que nesse ambiente atuam a fim de possibilitar melhores condições tanto de acesso quanto de socialização e aprendizagem, garantindo assim, o desenvolvimento de todos os educandos. “Tanto as escolas especiais quanto as comuns precisam se reorganizar e melhorar o atendimento que dispõem a seus alunos” (ARANTES, *et al*, 2006, p.27).

A escola, enquanto espaço democrático de educação e formação humana deve ser um ambiente pensado para atender a todos os alunos, primando pelo acolhimento, bem-estar, interação e aprendizagem significativa.

Compreende-se que este trabalho inclusivo deve partir de um âmbito maior, envolvendo as famílias nessa responsabilidade. Assim, todos em volta do espaço educacional devem ter compreensão da clientela, e principalmente serem orientados a lidarem com as diferenças, sem discriminações, sem distinções.

Educar precisa sair dos padrões até então estabelecidos ou pretendidos. É preciso agora saber lidar com as diversidades, com as múltiplas possibilidades de aprendizagem, oferecendo oportunidades iguais para os educandos, sem distinções, sem exclusões.

Na alfabetização das crianças com TEA, se faz necessário o professor e equipe da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), muita criatividade para estimular a criança e sua aprendizagem e para isso é preciso de adaptação.

O uso de materiais concretos e visuais que possam ser inseridos junto à criança age como facilitador desse aprendizado (OLIVEIRA, 2016, p. 23).

Portanto, o grande desafio é promover uma pedagogia centrada na criança e em suas características, visando não apenas a sua permanência na rede regular de ensino, mas o seu desenvolvimento independente de suas limitações ou aspectos culturais. Assim, não basta somente garantir a aceitação, o acesso das crianças com autismo na escola, é preciso assegurar a sua permanência em uma ligação conjunta entre escola, corpo docente, administração pedagógica e principalmente família, como pode ser destacado:

Nos debates mais atuais sobre inclusão, o ensino escolar brasileiro tem diante de si o desafio de encontrar soluções que respondam à questão do acesso e da permanência dos alunos nas instituições educacionais. Algumas escolas públicas e particulares já adotaram ações nesse sentido, ao proporem mudanças na sua organização pedagógica, de modo a reconhecer e valorizar as diferenças, sem discriminar os alunos nem segregá-los. Apesar das resistências, cresce a adesão de redes de ensino, de escolas e de professores, de pais e de instituições dedicados à inclusão de pessoas com deficiência, o que denota o efeito dessas novas experiências e, ao mesmo tempo, motiva questionamentos (ARANTES, 2006, p. 15-16).

Nesse enfoque, percebemos que a preocupação com o desenvolvimento das crianças com TEA não é mais apenas responsabilidade da escola, mas de todos de um modo geral, família, sociedade, gestão escolar e pública municipal. Cada um tem a sua parcela de contribuição enquanto ser inserido em um contexto histórico e social.

Desse modo, pensando nos desafios que ainda envolvem a educação inclusiva, faz-se necessário um olhar mais atento por parte de todos os segmentos, legais, administrativos, educativos, familiares e sociais a fim de que as crianças autistas possam sentir-se parte integrante do processo que envolve o seu desenvolvimento.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

No que diz respeito aos objetivos da pesquisa, esta pode ser classificada como exploratória, buscando uma maior ampliação quanto aos conceitos que envolvem o tema em estudo e sua relação com o contexto atual. “Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (SILVEIRA, GERHARDT, 2009, p. 35).

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, analisando as possibilidades que envolvem o processo de ensino e aprendizagem de forma inclusiva, tendo como ponto de partida para a análise, as especificidades da criança com autismo no espaço educacional.

Compreende-se que: “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado” (DESLANDES E GOMES, 2010 p. 21). Assim, faz-se necessária essa aproximação entre o pesquisador e o tema de estudo para uma melhor compreensão e ampliação do conhecimento.

A coleta de dados se deu por meio de pesquisa bibliográfica, analisando as publicações que envolvem o tema em estudo. A “pesquisa bibliográfica, considerada uma fonte de coleta de dados secundária, pode ser definida como: contribuições culturais ou científicas realizadas no

passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado” (OLIVEIRA, 2011, p. 40).

Para uma busca específica dos trabalhos analisados, utilizaram-se os termos: educação inclusiva, autismo, processo educacional, desafios da educação inclusiva e trabalho docente com alunos autistas. A base de pesquisa se deu de forma bibliográfica, selecionando publicações pertinentes ao tema, abordando os aspectos da educação inclusiva, com ênfase para o trabalho educacional com alunos autistas, viabilizando uma compreensão mais específica quanto as possibilidades de inclusão e direcionamento pedagógico para todos os alunos.

Foram pesquisados alguns trabalhos relacionados ao tema para melhor ampliar a percepção, de forma que a considerar os descritores propostos para a busca, dez (10) foram utilizados para a contextualização da escrita, servindo de embasamento teórico. O período da coleta de dados se deu entre os meses de janeiro a dezembro de 2023, considerando as buscas bibliográficas para a construção do projeto e em seguida para a ampliação das pesquisas e produção escrita do artigo em questão.

Com base na percepção metodológica proposta, a referida pesquisa buscou analisar de que modo se dá o processo de inclusão de crianças com autismo no espaço escolar, dando ênfase principalmente para os desafios nesse processo, bem como para as práticas possíveis de serem realizadas a fim de que todos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento e integração social.

#### Quadro 1: Principais pesquisas relacionadas ao tema:

| ESTUDO                                                                                                                                                                           | PRINCIPAIS RESULTADOS                                                                                                                                                                                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ARANTES, Valéria Amorim, et al. <b>Inclusão Escolar</b> . São Paulo: Summus, 2006.                                                                                               | “Em poucas palavras, a inclusão não pode mais ser ignorada. Ela está tão presente que motiva pressões descabidas, que pretendem nos desestabilizar a qualquer custo”.                                                                     |
| BELLAVEER, Adriano Douglas. <b>Wanda</b> : jogo de tabuleiro cooperativo e inclusivo para pessoas com deficiência visual. Caxias do Sul: UCS, 2019.                              | “A vontade de iniciar um projeto com pessoas com deficiência visual teve início três anos antes desta disciplina, motivado por uma curiosidade em compreender como é a rotina deste público e buscar soluções para possíveis atividades”. |
| CAMARGO, Eder Pires de. <b>A comunicação como barreira à inclusão de alunos com deficiência visual em aulas de mecânica</b> . Ciência & Educação, v. 16, n. 1, p. 259-275, 2010. | “A busca por uma didática inclusiva não é simples, deve respeitar e superar os modelos pedagógicos gerais, enfatizando o impacto das variáveis específicas na implantação de uma educação para todos”.                                    |
| CARVALHO, Rosita Edler. <b>Educação inclusiva: com os pingos nos "is"</b> . 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.                                                                 | “As escolas devem estar preparadas para identificar as dificuldades dos alunos com deficiência precocemente para assim, aperfeiçoar os métodos de ensino e melhorar o entendimento do estudante”.                                         |
| FIGUEIREDO, Rita Vieira. <b>Políticas de inclusão: escola gestão da aprendizagem na diversidade</b> . Rio de Janeiro: DP&A, 2002.                                                | “O paradigma de escola que inclui, remete a reflexão de conceitos relativos a diversidade e a diferença”.                                                                                                                                 |
| FREITAS, J. L. et al. <b>Processo de inclusão através de materiais adaptados</b> . Anais do                                                                                      | “É de extrema importância a participação dos alunos nas atividades junto à turma, pois estimula a                                                                                                                                         |

|                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Seminário Internacional de Educação - SIEDUCA. v. 1, n. 1, 2017.                                                                                                                                                                       | interação, comunicação, contribuindo assim, no processo de ensino-aprendizagem”.                                                                                                                   |
| LUCERO, Josimara Borges. <b>Educação Inclusiva nas escolas regulares:</b> desafios e perspectivas. Rio Grande: FURG, 2020.                                                                                                             | “Faz-se necessário a redefinição de alternativas pedagógicas que levem todos os alunos a terem as mesmas oportunidades de aprendizagem”.                                                           |
| OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. <b>Formação docente e inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista:</b> algumas reflexões. Centro de Educação: João Pessoa, 2016.                                                          | “O uso de materiais concretos e visuais que possam ser inseridos junto à criança age como facilitador desse aprendizado”.                                                                          |
| ROPOLI, Edilene Aparecida. <b>A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar:</b> a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. | “A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar”. |
| SILVA. Ana Beatriz Barbosa. <b>Mundo Singular - Entenda o Autismo.</b> Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2018.                                                                                                                             | “Essencialmente, o profissional da educação necessita saber conceitos básicos, como: educação, sociedade, aprendizagem, conhecimento para o êxito da sua atuação”.                                 |

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre as pesquisas realizadas, foram pesquisadas publicações relacionadas ao tema, considerando aquelas de maior relevância ao tema, tendo como critérios: pesquisas mais recentes, maior abordagem ao autismo, melhor descrição do trabalho pedagógico para o processo de inclusão, selecionando então dez (10) trabalhos para a composição do referencial teórico e assim possibilitar uma ampla contextualização quanto as discussões que podem estar relacionadas ao processo de educação mediante a perspectiva inclusiva do aluno com Autismo.

Dos artigos em análise, estes trazem uma análise sistêmica sobre as possibilidades e os desafios que norteiam o processo de inclusão educacional, tendo como ênfase as estratégias para um trabalho direcionado ao aluno com autismo. Assim, um (01), traz inicialmente a concepção do autismo e suas particularidades, quatro (4) trazem uma abordagem sobre educação inclusiva, considerando o processo educacional e as práticas pedagógicas, um (01) aborda as políticas de inclusão, enquanto que dois (02) consideram o processo de inclusão mediante a adaptação de materiais, dois (02) consideram a relevância da formação docente para o processo de educação inclusiva significativo.

Silva (2018), conceitua as especificidades do autismo, considerando os detalhes que envolvem o comportamento da criança e as possibilidades de intervenção para que a escola possa desenvolver um trabalho mais específico com base nas características do referido transtorno.

Arantes (2006), Camargo (2010), Lucero (2020) e Ropoli (2010), tratam da perspectiva da educação inclusiva e suas particularidades, considerando o trabalho educacional e as perspectivas que precisam enfatizar de fato um trabalho inclusivo. Os autores consideram os desafios da inclusão e as possibilidades de trabalho no espaço escolar para o desenvolvimento de todos os alunos.

Quanto as Políticas de inclusão, Figueiredo (2002), trata do tema de maneira bem específica, considerando a escola enquanto mola propulsora de gestão da aprendizagem frente a

diversidade. Na análise da autora, a escola precisa fazer com que os direitos não sejam apenas leis expressas em um papel, mas a garantia efetiva de que estas sejam de fato cumpridas, possibilitando melhor direcionamento e acompanhamento dos alunos frente ao processo de inclusão.

Sobre a delimitação do processo de inclusão mediante a inserção de materiais pedagógicos específicos, Freitas (2017) e Bellaveer (2019) consideram a importância de utilizar e materiais adaptados que ampliam a capacidade de desenvolvimento do aluno frente ao processo inclusivo.

Oliveira (2016) e Carvalho (2013) trazem algumas reflexões sobre a formação docente para a efetivação do processo inclusivo de alunos com Transtorno do Espectro Autista, de forma que destacam a importância de o docente analisar a dinâmica da turma e procurar sempre direcionar atividades que ampliem as capacidades de todos os alunos, sem distinções.

A educação inclusiva para crianças com autismo é um tópico importante e desafiador. O autismo, em um contexto específico, é um transtorno de neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e as interações sociais, considerando assim a importância da inclusão dessas crianças nas escolas regulares enquanto aspecto fundamental para promover a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento de suas habilidades (OLIVEIRA, 2016).

Considerando os aspectos da educação inclusiva para crianças com autismo, é preciso ter como ênfase principal a promoção da diversidade, uma vez que o processo educacional com base na inclusão valoriza a diversidade das crianças, incluindo aquelas com autismo. Assim, cada criança é única e tem suas próprias necessidades, interesses e habilidades.

De acordo com a Declaração de Salamanca:

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 61).

As crianças com autismo frequentemente se beneficiam de apoio individualizado, o que pode incluir a presença de profissionais de apoio, adaptações no currículo e estratégias que possibilitem um ensino personalizado. O ambiente também é imprescindível, considerando que as escolas inclusivas devem criar um ambiente amigável para crianças com autismo. Assim, o processo de inclusão envolve a minimização de estímulos sensoriais excessivos, a promoção da comunicação alternativa e a criação de espaços seguros. Assim, “os professores poderão sempre que possível, em meio às atividades de classe, introduzir figuras para facilitar o entendimento da criança com TEA, e para estreitar os laços entre professor e aluno” (OLIVEIRA, 2016, p.22).

A formação de professores é outro aspecto de imensa relevância para o trabalho com os alunos autistas, devendo-se considerar a necessidade de que estes precisam de treinamento que seja específico para compreender as necessidades das crianças com autismo bem como no que diz respeito a aplicação de estratégias de ensino que atendam a essas necessidades.

Outro ponto de imensurável importância é a parceria firmada com os pais, uma vez que a colaboração entre pais e educadores é essencial, considerando que os pais podem compartilhar informações sobre as necessidades de seus filhos e trabalhar em conjunto com a escola para garantir o sucesso da criança. Considera-se então que:

Os professores que tem em sua sala de aula alunos com TEA precisam conhecer outros métodos pedagógicos e psicológicos para dar suporte a qualquer eventualidade que a criança possa precisar. Para isso, o professor não pode se

sentir sozinho. A parceria família e escola são essenciais para o sucesso e aprendizagem da criança com TEA. Nessa direção, entende-se por inclusão, a participação de todos os indivíduos em um processo de interação, linguagem e participação social (OLIVEIRA, 2016, p. 30).

No que diz respeito aos desafios da educação inclusiva para crianças com autismo, em conformidade com Lucero (2020), estes podem ser citados mediante os seguintes pontos: falta de recursos, compreensão e aceitação, dificuldades de comunicação, comportamentos desafiadores, inclusão social, avaliação de forma individual, bem como respeito a autonomia.

Muitas escolas enfrentam escassez de recursos para oferecer apoio adequado às crianças com autismo, o que entra nesse fator a falta de profissionais de apoio, material adaptado bem como treinamento para professores. A sociedade ainda enfrenta desafios em relação à compreensão e acessibilidade quando o assunto é o autismo, o que pode levar à estigmatização e ao isolamento de crianças com autismo. Em conformidade com Oliveira (2016, p. 30), “a inclusão do estudante com TEA pressupõe um processo que socializa, interage e desenvolve todas as habilidades do indivíduo, respeitando suas particularidades”.

Crianças com autismo frequentemente apresentam dificuldades de comunicação, e essa falta de comunicação eficaz pode ser um obstáculo ao aprendizado e à socialização. Alguns comportamentos associados ao autismo, como colapsos ou estereotípias, podem ser um desafio para educadores e outros alunos, o que evidencia a importância de desenvolver estratégias de manejo comportamental (OLIVEIRA, 2016).

A inclusão social de crianças com autismo pode ser difícil, especialmente se houver falta de conhecimento e empatia entre os colegas. É preciso considerar que cada criança com autismo é única, o que torna a avaliação e o desenvolvimento de planos educacionais individualizados essenciais.

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas (ROPOLI, 2010, p.8).

É importante respeitar a autonomia das crianças com autismo, adaptando as expectativas e fornecendo oportunidades para desenvolver habilidades de autogestão. Assim, mediante o exposto, é possível evidenciar que a educação inclusiva para crianças com autismo ainda é um desafio, mas também é uma necessidade crucial para promover a igualdade e o desenvolvimento pleno dessas crianças. A superação desses desafios requer um compromisso contínuo de toda a sociedade, escolas, pais bem como educadores para criar ambientes de aprendizagem inclusivos e acolhedores.

## 5 CONCLUSÃO

Este artigo apresentou um estudo bibliográfico sobre o tema Inclusão de crianças com autismo no espaço educacional, trazendo para a análise os desafios e as práticas possíveis que envolvem esse processo. Os resultados aqui encontrados indicam que a percepção da inclusão de crianças com autismo no espaço educacional precisa abordar fatores específicos, tais como a formação de professores, a utilização de materiais pedagógicos que ampliem o desenvolvimento das capacidades, bem como a perspectiva de um trabalho que possibilite incluir todas as crianças no processo de interação e aprendizagem.

Desse modo, pode-se destacar que os objetivos propostos para a realização da pesquisa puderam ser desenvolvidos de forma significativa, considerando que foi possível conceituar o Transtorno do Espectro Autista mediante suas particularidades e possibilidades no processo educacional inclusivo, compreendendo o marco legal que norteiam o processo de inclusão educacional dos alunos com necessidades educacionais especiais, e assim analisando as dificuldades e as perspectivas quanto ao trabalho desenvolvido com a criança autista.

As crianças com autismo, ao serem incluídas na escola devem receber toda uma atenção diferenciada em virtude de suas especificidades. Assim, cabe a instituição de ensino, bem como dos órgãos públicos municipais, pensarem nas estratégias a serem desenvolvidas a fim de que estas possam avançar de maneira significativa, dentro de suas possibilidades e mediante um acompanhamento que contemple as suas necessidades.

Nesse parâmetro, toda a escola deve trabalhar de maneira conjunta para que a educação possa acontecer realmente de forma inclusiva, possibilitando a interação entre todas as crianças, bem como sua participação ativa nas atividades propostas, sem distinções, apenas buscando as metodologias mais adequadas frente a cada situação, especialmente quanto ao trabalho inclusivo.

O que se espera de fato é um modelo educacional que possa garantir uma educação inclusiva para todas as crianças, tendo como princípio o desenvolvimento de ações que viabilizem a sua integração social, bem como a ampliação de suas capacidades, mediante suas limitações. Desse modo, espera-se possibilitar ao leitor uma compreensão específica quanto ao tema proposto, de modo que as questões pautadas quanto ao processo de educação inclusiva do aluno com autismo sejam analisadas de forma crítica e reflexiva, constituindo uma base teórica para que outras análises possam ser desenvolvidas, ampliando assim a percepção em relação a temática em estudo.

O ideal seria uma escola em que se pudesse modificar não apenas as expectativas e atitudes em relação às crianças com necessidades especiais, mas que organizasse ações e estratégias com ênfase na construção de uma escola para todos, que tenha como preocupação constante o trabalho com as diferenças.

Assim, não se pode acreditar em um modelo educacional inclusivo pensando apenas nas adaptações na estrutura física da escola. É necessário bem mais que isso, como por exemplo, material pedagógico adequado que possa ser de grande utilidade frente às distintas especialidades, bem como preparação docente.

Pode-se concluir que o trabalho pautado na educação inclusiva ainda tem muitas barreiras que precisam ser ultrapassadas, constituindo um desafio teórico e prático para que a educação possa acontecer de fato na perspectiva inclusiva.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim, et al. **Inclusão Escolar**. São Paulo: Summus, 2006.

BELLAVEER, Adriano Douglas. **Wanda**: jogo de tabuleiro cooperativo e inclusivo para pessoas com deficiência visual. Caxias do Sul: UCS, 2019.

BRASIL. Decreto Nº 6.571 de 17 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o atendimento educacional especializado**. Brasília/DF-2008.

\_\_\_\_\_. **Redação dada pela Lei nº 12.796 de 2013.** Disponível em: [www.forpedi.com.br/downloads/forpedi\\_anexo\\_2204131434180.pdf](http://www.forpedi.com.br/downloads/forpedi_anexo_2204131434180.pdf). Acesso em 25 agosto 2023.

CAMARGO, Eder Pires de. **A comunicação como barreira à inclusão de alunos com deficiência visual em aulas de mecânica.** *Ciência & Educação*, v. 16, n. 1, p. 259-275, 2010.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is".** 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

DECLARAÇÃO DA SALAMANCA: Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso: 10 out. 2023.

DESLANDES, Suely Ferreira & GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

FIGUEIREDO, Rita Vieira. **Políticas de inclusão: escola gestão da aprendizagem na diversidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREITAS, J. L. et al. **Processo de inclusão através de materiais adaptados.** Anais do Seminário Internacional de Educação - SIEDUCA. v. 1, n. 1, 2017.

LUCERO, Josimara Borges. **Educação Inclusiva nas escolas regulares: desafios e perspectivas.** Rio Grande: FURG, 2020.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas.** Catalão: UFG, 2011.

OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. **Formação docente e inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista: algumas reflexões.** Centro de Educação: João Pessoa, 2016.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular - Entenda o Autismo.** Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2018.

SILVEIRA, Tatiana Engel; GERHARDT, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.